LISBOA — SEXTA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 192'

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 98 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

OS democraticos abandonaram hoje os trabalhos na comissão de verificação de poderes. Aguardam o procedimento dos liberais para pautar a linha de conduta a seguir, não se apresentando nas duas casas do Congresso se esse procedimento lhes causar desagrado.

Varios parlamentares democraticos, em palestra amistosa, confessaram-nos esta tarde a disposição de ir veranear alguns dias para as terras natais, onde aguardarão paca meute o desenrolar dos acontei men s politicos e resolverão de harm nia com as ordens do Directorio se devem o não tomar parte nas sessões parme ares.

* * *

DESCOBERTAS do *Seculo* da noite de ontem, publicadas em letras gordas:

«A velocidade das motos atropelam e incomodam toda a gente.»

«Analfabetos: o seu numero aumentará se a frequencia á escola primaria continuar a diminuir.»

Estimamos as melhoras...

* * *

INFORMA o nosso prezado colega *A Democracia* que em Vila Franca de Xira não ha juiz, nem delegados, nem administrador do concelho. Estão todos ausentes.

Deve viver-se em Vila Franca como num ceu aberto.

* * *

PARA o quartel de Campolide têm seguido hoje varios *camions* com camas para juntar ás que para ali foram conduzidas ontem á noite.

Do norte do país devem chegar hoje mais tropas.

* * *

O SR. ministro da guerra apresentar-se ha ámanhã ao Parlamento com todos os seus colegas do ministerio. No caso de haver numero esforçar-se ha por justificar a sua atitude no caso dos oficiais milicianos.

* * *

O SR. ministro do comercio conferenciou demoradamente durante a tarde de hoje com o seu colega do interior.

* * *

CONSTA que o nosso credito externo é alvo de ataques surdos por parte de elementos que têm empenho em que a nossa situação financeira não melhore.

De que *milhafres* se tratará? Dos daquem ou dalém Reno?

* * *

DUMA entrevista com o sr. Antonio Centeno, inserta na «Imprensa da Manhã», ressaltam dois aspectos interessantes.

O primeiro é ficar-se sabendo que a Camara Municipal deve seiscentos e cincoenta contos ás Reunidas do Gaz e Electricidade.

O segundo é este modo de ver originalissimo do proprio sr. Antonio Centeno:

«Com essa importancia, com os recursos e o credito de que dispõe, a Companhia, empreenderia todos os melhoramentos, sem ser preciso recorrer a ajudas de ninguem...

De resto, é uma mera questão de aumento de despeza...»

Que o contribuinte pagará com a superior indiferença de um «iluminado»...

Tomás Birch

(Desenho de Almaaa Negreiros)

Este diplomata, que já ha alguns anos representa entre nós os Estados Unidos é um afeiçoado á nossa terra.

Visitam-nos os navios e esquadras do seu país, e ele com a franca bonhomia que, o torna simpatico a todos os lisboetas transforma essas visitas numa cadeia de afectos.

E' bem o filho de uma democracia que, apoiada nas noções indefectiveis do direito e da justiça, revela a sua força para logo converter essa mesma força numa garantia do trabalho livre e fecundo. Simples, risonho, afavel e atraente nunca dá a impressão de que a sua patria é quasi um continente, junto do qual dois mares se sentem escravos.

Quando fala, parece que as suas palavras se amaciam, com receio de ofender os interlocutores. Só para cantar as belezas de Portugal, a riqueza das suas paisagens e a doçura do seu clima ele emprega uma linguagem colorida e forte.

Cada homem costuma ter, além da terra em que nasceu, uma outra que corresponde a certas predilecções do seu gosto ou do seu espirito.

O sr. Tomás Birch elegeu a nossa, por uma devoção dessa especie. Nós devemos-lhe um testemunho de reconhecimento, porque, em vez de passar por Portugal como tantos diplomatas que nunca compreendem os países onde se encontram acreditados, ele não se limitou a compreender-nos—o que já seria alguma coisa—pois nos aprecia e estima, sendo um nosso verdadeiro amigo—o que lhe conquistou a nossa gratidão.

EM França debate-se, neste momento um grande problema—como é que se há de tapar um *deficit* de três biliões de francos, existente no orçamento geral do Estado? Os alvitres são já muitos, mas os aproveitaveis bem poucos.

Devem-se lançar impostos? Contrair dividas? Aumentar a circulação fiduciaria?

Maurice Dutreuil é de opinião que, mesmo correndo todos os riscos dum agravamento do cambio, esta ultima hipotese é a preferivel. Sustenta ele que, desde que a nota é inconvertivel, um alargamento de circulação pouco influe. O povo francês não tem um grande interesse na melhoria imediata do cambio, porque, em tal caso, a indenização alemã diminuiria proporcionalmente sem que correlativamente baixas-sem o custo da vida e os encargos dos emprestímos. Aconselha que se importe o menos possivel, a não ser materias primas, quando estas não possam encontrar-se quere em França quere nas suas colonias, e que se recorra a todos os produtos de fabrico nacional que dispensam os similares estrangeiros.

Será isto bastante? Desde o momento que a França feche as suas portas aos produtos alheios não adoptarão os outros povos, para com ela, medidas iguais?

* * *

O BANCO de França baixou a taxa do desconto de 6 por cento para 5 1|2 por cento. Esta simples noticia deve ter maior repercussão, nos mercados mundiais, que as dezenas de revoluções que alguns dos nossos sonhadores vadios andam a maquinar, nas trapeiras dos predios em que eles se acoitam com bandos de ratos e de ilusões.

* * *

AUGUSTO Casimiro publicou, em folheto, duas conferencias que fez em Coimbra, na Associação Cristã dos Estudantes, sob o titulo—*Portugal e o Mundo.*

* * *

CUNHA Leal, que regressou ontem a Lisboa, prepara-se para uma nova vilegiatura. Desta vez será Carcavelos o local escolhido para o seu repouso estrategico.

O vigoroso parlamentar aguarda a remessa do processo eleitoral de Angola, que confirmará a sua eleição por aquele circulo.

* * *

TRANSCREVEMOS de *A Patria* as seguintes palavras do sr. Augusto de Vasconcelos, a proposito do contrato Hornung:

«Como é de prevêr, o contrato não devia ter sido elaborado pelo alto comissario em Moçambique.

«Embora, porêm, o contrato tivesse sido elaborado pelos tecnicos, ele está, no entanto, dentro dos propositos e das elevadas intenções em que se encontra o sr. alto comissario, para com os indigenas de Moçambique.

«O sr. dr. Brito Camacho preconisou sempre a necessidade de se adaptarem os negros para fins comerciais e industriais, no intuito de os libertar da exploração a que se encontravam sujeitos, como carregadores, no desempenho de outros misteres.»

Talvez seja unicamente por isto que varias gentes afirmam que o contrato não serve para brancos.

POLITICA MONARQUICA

EM TORNO DA RECENTE ALIANÇA ENTRE LEGITIMISTAS E INTEGRALISTAS

O SR. DR. ALFREDO PIMENTA RESPONDE, EM CARTA ABERTA, AO SR. CONDE DE ALMADA

Ex.^mo Sr.—Serenamente. Não percamos o sangue frio e não ofereçamos á plateia um espectaculo em mangas de camisa.

Eu sei da existencia de v. ex.ª—depois que foi elevado á categoria de lugar-tenente da senhora duquesa de Guimarães. Até aí não encontrara ainda o seu nome nem na agitada e ingloria faina da Politica, nem na suave e superior atmosfera da Arte, nem na transcendente e sugestiva região da Filosofia e da Sciencia. Ignorava-o. Mas uma vez investido nas altas funções politicas que o seu nome paterno lhe facultou, fiquei conhecendo v. ex.ª. Creio que li todos os documentos firmados com o seu nome, e isso me dá direito a dizer-lhe que o conheço agora. No entanto, v. ex.ª, na carta que ontem mandou para este jornal, apresenta-se-me sob um aspecto inédito, que me surpreendeu e desiludiu.

Eu não tenho na minha ascendencia a nobreza de v. ex.ª. Meu avô paterno foi um lial soldado de D. Miguel, e no exercicio do seu cargo de capitão de milicias empenhou a casa, deixando-a empenhada aos filhos. Meu pai foi um modesto português, coração de santo, que ficou, na memoria dos que o conheceram, com a fama de caracter sem mancha. Não tenho, pois, na minha ascendencia, a nobreza de v. ex.ª Mas isso não me impede de ser de uma extrema correcção no meu trato, e de uma impecavel delicadeza nas minhas maneiras. Nunca, na minha familia, ninguem foi mal-educado ou grosseiro. E eu devo, entre outras coisas, á consideração pelo nome que herdei, o uso efectivo dessas qualidades.

A carta que escrevi em resposta á passagem da primeira carta de v. ex.ª não tinha nem para a familia de Principes que v. ex.ª politicamente representa, nem para a pessoa de v. ex.ª, a mais pequena expressão agressiva, mal-humorada ou depreciativa. Todos que a lêram notaram isso.

Como me respondeu v. ex.ª? Releia-se, e que a sua consciencia o informe. E' tão estranha a sua carta que eu quasi ia jurar, por honra de v. ex.ª, que não é sua, tanto no seu estilo difere das outras que tenho lido, e tão improprias as maneiras, do nome de v. ex.ª

Acusa-me v. ex.ª de ter truncado a carta do Senhor D. Miguel de Bragança. Efectivamente, a edição do *Diario de Lisboa* está truncada. Aborreceo-me, desgostoume profundamente, o facto. Mas não tenho a minima responsabilidade n'isso, como é facil de provar perante o original que mandei para a tipografia. Eu copiei, palavra a palavra, a carta do Senhor D. Miguel. Para que não me tivesse escapado nada, a minha filha mais velha leu-ma emquanto eu revia a copia. Nada lhe faltava. Revi as provas tipograficas—mas não as cotejei com o original. Foi o meu erro. Se v. ex.ª pensasse dois segundos na acusação que me formulou, bem compreenderia que eu não ia truncar um documento publicado, de que citava a fonte, com paginas e tudo. E se v. ex.ª tivesse reflectidamente analisado o facto, facilmente perceberia que a origem do salto tipografico se explica—o que é vulgarissimo n'esta lide de jornais—pela casualidade de se encontrarem muito proximas as expressões *não quero* — a abrir periodos.

Com que leviandade, com que facilidade v. ex.ª me acusa de truncar textos,— a mim que tenho alguns anos de escritor, de processos impecaveis e nobres! Com que facilidade, com que leviandade v. ex.ª me supõe capaz de um crime d'essa natureza que, uma vez provado, me desprestigiaria irremediavelmente perante mim proprio! V. ex.ª não sabe, pelo visto, o que são os escrupulos profissionais de um escritor que nunca vendeu a sua pena, que nunca traíu o seu pensamento, que nunca pôz em almoeda as suas opiniões! V. ex.ª não sabe o que é a honra de um escritor, e por isso lastimavelmente lançou sobre a minha, a desgraçada suspeita de ser falsa. Queira Deus que não demore muito o instante em que v. ex.ª tenha que se arrepender da feia acção que praticou!

Mas deixemos isso—e vamos á carta.

Antes de mais nada, o periodo a que v. ex.ª alude nem tira nem põe á minha tese. Eu afirmei que o Senhor D. Miguel de Bragança reconheceu a legitimidade da realeza de El-Rei o Senhor D. Manuel. E afirmei-o, fundado na propria carta de D. Miguel. O Senhor D. Miguel dá ao Senhor D. Manuel o titulo que só se dá aos Reis—*Magestade.*

Mas antes do tratamento que o Senhor D. Miguel dá, há muito mais.

Assim:

Em 21 de Fevereiro de 1909, o senhor D. Alexandre Saldanha da Gama procurava o senhor conde de Sabugosa para lhe dizer que o senhor D. Miguel *estava convencido de que a unica salvação possivel para Portugal estava na conservação da monarquia na pessoa do senhor D. Manoel.*

Isto não é reconhecer a legitimidade da sua realeza?

A senhora D. Teresa de Bragança dizia, em Viena, a 3 de Março de 1909, ao nosso ministro junto da côrte de Francisco José, o senhor conde de Paraty, que estava anciosa pela revogação da lei de proscrição para poder visitar a familia real.

Isto não é reconhecimento da realeza do senhor D. Manuel?

O senhor D. Miguel, afirmando pôr de parte aquilo a que chama os seus direitos (ele não diz que põe de parte os seus direitos: diz que põe de parte *aquilo* a que chama os seus direitos) declara que ele e os seus filhos *reconhecem* a situação então existente.

Isto não é reconhecer a realeza?

O senhor D. Miguel diz ainda textualmente: «e, portanto, não só *reconhecemos* a vossa magestade *como de facto rei de Portugal,* mas tambem, prometemos por emquanto vossa magestade e a sua descendencia fôr de facto reinante, sustentá-la e defendê-la com todos os meios ao nosso alcance.»

Eu não sou miguelista, como se sabe. Mas faço a absoluta justiça ao caracter do senhor D. Miguel e á sua educação, para não o supôr capaz de, em carta dirigida ao rei de Portugal empregar expressões ofensivas para este. E assim, interpreto desta maneira a expressão *de facto* empregada na carta: *como de facto rei de Portugal,*— quere dizer: *como efectivamente rei de Portugal.* Se o senhor D. Miguel quisesse dizer o que v. ex.ª lhe atribui, teria escrito: *como rei de Portugal de facto.* Não me leve v. ex.ª a mal esta pequenina lição de hermeneutica. Quanto ao segundo *de facto,* a interpretação inteligente e leal é esta: «por emquanto vossa magestade e a sua descendencia fôr *realmente* reinante». O senhor D. Miguel queria dizer que se o senhor D. Manuel abdicasse ou, por qualquer circunstancia, deixasse de ser rei de Portugal, ele se não comprometia a, então, sustentar e defender a situação a que aludia.

Como é que v.ª ex.ª, lugar-tenente da senhora duqueza de Guimarães, se permite atribuir ao senhor D. Miguel o papel pouco leal de ser propositadamente, manhosamente obscuro, de modo a deixar margem para atitudes futuras inesperadas? Como é que v. ex.ª lugar-tenente da senhora duqueza de Guimarães, supõe o senhor D. Miguel capaz de armar ciladas verbais a quem ele tratava por magestade?

Ah! Senhor Conde d'Almada! Antes eu, subdito do senhor D. Manuel, a interpretar cartas e intenções do senhor D. Miguel, do que v. ex.ª lugar-tenente da senhora duqueza de Guimarães! Antes eu que penso que o senhor D. Miguel não seria capaz dessas habilidades espertas — que são calvas deslealdades.

O senhor D. Miguel não reconhecia a realeza do senhor D. Manuel, quando lhe afirmava que os seus leais amigos passariam a ser, desde o dia em que escrevia a carta, leais amigos e subditos *(subditos!* senhor conde d'Almada) do senhor D. Manuel?

Em que é que tudo isto é invalidado, pelo facto de o senhor D. Miguel declarar que não quer coisa alguma do Estado portuguez, nem lista civil, nem posto remunerativo (remunerado, queria S. A. dizer)?

Mas v. ex.ª é fantastico! V. ex.ª serve-se da carta do sr. Wenceslau de Lima para reforçar a sua opinião — da carta do sr. Venceslau de Lima que reputa as expressões *de facto* — infelicidades na traducção de um pensamento generoso! Então se as expressões são infelizes — ainda v. ex.ª se serve delas para contestar que o senhor D. Miguel tivesse reconhecido a realeza do senhor D. Manuel?

Não, senhor conde d'Almada, não insista. Pois insistir é realmente perder tempo a defender uma tese sem base nem pensamento.

O senhor D. Miguel reconheceu, em março de 1909, tacita e expressamente a realeza do senhor D. Manuel, no que não fez mais do que preceder os amigos de v. ex.ª que demonstraram a legitimidade do senhor D. Manuel, contrapondo-a á pretensa legitimidade do senhor D. Miguel.

E vou terminar. Acho bem que v. ex.ª receba com desdem qualquer lição politica que suponha que eu pretendo dar-lhe. Mas não vai por certo receber desdenhosamente esta que lhe vou dar agora. Para bem se exercer a alta função que v. ex.ª exerce, é necessario conhecer inteiramente a Politica do país—não só na fase presente, mas nas fases passadas, para se não correr o risco de se dizer mais do que se deve. V. ex.ª, na sua ultima carta, falou no que era melhor deixar em silencio.

Aludiu aos meus correligionarios de 1908 que ameaçavam de morte o senhor D. Manuel, e disse que o senhor D. Miguel queria fortalecer as instituições monarquicas contra o perigo de novos atentados e contra o avanço do partido republicano.

Para que veio v. ex.ª chamar á discussão a atitude do Legitimismo dessa epoca?

Recordemo-la com precisão.

Na morte de D. Carlos — tem o Legitimismo larga responsabilidade. Deitou lenha para a fogueira, estimulou o incendio, fez côro com os detractores dêsse rei — e vem agora dizer, pela carta de v. ex.ª, que queria fortalecer as instituições monarquicas?

Contra o poder pessoal do rei D. Carlos e a ditadura de João Franco, o Legitimismo procedeu como vai ver-se.

O sr. D. Miguel Vaz d'Almada escrevia em 17 de agosto de 1907 uma carta ao sr. João Franco Monteiro, em que lhe dava conta de uma entrevista que tivera com o senhor D. Miguel, e na qual este afirmava que «tinha determinado *ficar completamente neutro na crise actual,* não desejando de forma alguma concorrer para comprometer a situação politica do país, mas que está pronto, quando chamado, a prestar-lhe os seus serviços».

A quem servia essa neutralidade, senhor conde d'Almada?

A situação dessa epoca estava definida: de um lado, o rei D. Carlos e o sr. João Franco; do outro lado, todos os outros monarquicos, os republicanos e o Legitimismo.

E, Legitimismo? Sem duvida.

Em 24 de Janeiro de 1908, a oito dias do Regicidio, o senhor D. Miguel Vaz d'Almada via publicada na *Nação,* orgão legitimista, duas entrevistas suas que concedera ao *Seculo* e ao *Mundo.*

Na entrevista do *Seculo,* o senhor D. Miguel Vaz d'Almada dizia, depois de repetir os propositos do senhor D. Miguel: «não podemos deixar de combater o governo actual, divorciado da nação. Quanto a combinações eleitorais, é possivel que se facam com os adversarios do governo».

Não era má a neutralidade...

E, quanto á possibilidade de o Legitimismo se avistar com alguns dos chefes dos partidos adversos ao governo, esclarecia: «sei apenas que pode ser dentro em breve, e pode ser mais tarde, e o que posso afirmar é que a entrevista corresponde tanto aos nossos desejos ardentes *como aos de D. Miguel de Bragança».*

Era linda, a neutralidade...

Ao *Mundo,* dizia o senhor D. Miguel Vaz d'Almada, depois de confessar que esse jornal lhe merecia a maior simpatia: «Em nenhuma circunstancia daremos os nossos votos ao franquismo. Tenho a opinião de que devemos acompanhar sempre ás oposições, e estou firmemente convencido de que nenhum dos meus amigos fará directa ou indirectamente o jogo do governo. E por Lisboa, deixe-me a proposito afirmar-lhe que julgo logico e provavel que não haja mais de uma lista oposicionista, visto que tudo que não seja isso, favorecerá a ditadura.»

O que me diz v. ex.ª a este proposito de contrariar o avanço do partido republicano?

O que me diz v. ex.ª a esta lição politica que lhe dou agora?

Não, senhor conde d'Almada, não insista v. ex.ª nesta discussão. Pisa mau terreno.

Pois supõe v. ex.ª que eu, se soubesse que v. ex.ª tinha razão, o contraditaria?

Como v. ex.ª vê, escrevo a minha carta com toda a serenidade, com toda a delicadesa.

Aos termos extranhos da carta de v. ex.ª, correspondo eu com esta maneira absolutamente gentlemanesca. De v. ex.ª

Alfredo Pimenta

CARVÃO
CARDIFF das minas
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa—Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092- 5093-5094
Londres—56 Ludgate Hill

SOCIEDADE LUZITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.
Em armazem para entrega imediata
VENTOINHAS A. E. G.
DINAMOS E MOTORES
LAMPADAS "EGMAR" E "OSRAM"
AS MELHORES
12, RUA DOS FANQUEIROS, 14 e 16

TEATROS

ÁMANHÃ, EM S. CARLOS

ALGUMAS IMPRESSÕES SOBRE O NOVO ORIGINAL DE VASCO DE MENDONÇA ALVES

CONVERSANDO COM OS ARTISTAS E COM O AUTOR—UMA FRASE DE AMELIA REY COLAÇO, DUAS PALAVRAS DE MARIA JUDICE DA COSTA, UMA OPINIÃO DE ROBLES MONTEIRO E UMA APRECIAÇÃO DO PROFESSOR ANTONIO PINHEIRO

Representa-se amanhã no teatro S. Carlos um novo original português, «Sedutores». A peça, que é uma alta comedia de feição dramatica, pertence a Vasco de Mendonça Alves, autor já conhecido e consagrado, e é posta em scena pela companhia Robles Monteiro-Amelia Rey Colaço, sob a mestria sabia do professor Antonio Pinheiro. A peça tem ainda um outro interesse, além do que lhe emprestam os nomes prestigiosos que a fazem viver: estreia-se nos «Sedutores», em declamação, a cantora D. Maria Judice da Costa. A quadra que passa não impede, apesar de tudo, que as boas obras de teatro vençam a indolencia do publico. Mas não pode legitimamente deixar de se preguntar:

—Colherá exito absoluto o novo original português?

—Até onde subirá o requinte e o carinho da interpretação?

—Que pensam da peça, os seus interpretes, ensaiador e autor?

Parece reclame, tudo isto. Se fôr, de facto, e nem nós o sabemos, nada mais legitimo. Teatro português, e original, por artistas portugueses até a medula, não é cousa de ver todos os dias. E vamos lá até S. Carlos, colher impressões previas.

Robles Monteiro é o primeiro a aparecer, com seus oculos de tartaruga, os mesmos que usou para pôr seu nome no cheque com que pagou o colar de Zilda, aquela «zuca» que endoideceu Lisboa:

—Confio muito na peça e na companhia que a vai interpretar. Por mim, tenho estudado imenso. Como nunca, acredita. E' um trabalho quasi de prova. No teatro, como tu sabes é tudo incerto... Mas...

E sorriu o artista-emprezario, que resiste ás contrariedades com um sorriso, que é uma arma tão elegante, quanto eficaz:

—Mas o publico é que vai dizer. Tenho uma grande confiança na sua sagacidade, no seu instinto...

Dona Maria Judice da Costa, cantora ilustre que debuta na declamação como

Vasco de Mendonça Alves

numa opera em que os gestos tenham que obedecer só a uma musica intima e advinhada, é posta diante do nosso cumprimento, pelo actor Robles. Usa sobre o peito uma elegantissima Madona assente sobre pequenos brilhantes muito aconchegados, e tem na sua expressão de nova comediante uma claridade de esperança.

—Gosto muito do meu papel. Não será um «papelão»... Mas não é preciso. A peça é muita linda, e quando se tem vontade tira-se todos os efeitos do tra-

Amelia Rey Colaço

balho que nos está confiado. Não há papeis maus...

—Está então V. Ex.ª muito animada?...

—Muitissimo. Tanto pela peça, como pelos colegas como até... por mim propria.

O sr. Vasco de Mendonça Alves pede licença, deixa o palco onde preside honorariamente a uma scena do segundo acto, e vem ao nosso encontro. E', como sabem, um rapaz, muito rapaz ainda, produção. Não há nenhum de nós que no fundo não seja Claudio e não ande a braços com a sua «Oeuvre»: com uma inspiração submissa no seu olhar de artista que parece revelar uma ansiedade constante e insatisfeita na

Robles Monteiro

—Estou satisfeitissimo. Este grupo de artistas tem realizado o milagre de dar ao meu trabalho uma justa interpretação. E eu reconheço isso dificil. Todos, todos eles.

Pedimos detalhes.

—D. Amelia, magnifica. E' a intuição mais pura que conheço. D. Maria Judice sentiu todo o seu papel com um forte poder interpretativo. Depois o Robles, na sua complexa figura scenica, a estudar sempre, anima-me.

—Confia então no exito?

—Isso não o posso dizer. Sei mesmo lá. Mas com estes artistas eu tinha todo o direito de confiar.

E' agora a vez do professor Pinheiro. Traz o seu guarda pó, traz a sua boa disposição, traz a sua rouquidão, que é uma especie de axioma, e diz logo:

—E' uma peça dificilima. Posso dizer-lhe; a mais dificil que tenho encontrado na minha carreira quer de actor, quer de ensaiador. Mas plena de interesse, de uma profunda observação nos tipos. Vive mesmo disso. Não tem, a peça, um movimento artificial espetaculoso. A vida subjectiva, dificilima de exteriorizar, dos seus personagens, é que são todo o seu movimento. E' uma peça para um publico...

A explanação curta do Mestre, deu-nos a entender que «Sedutores» é uma peça de classe, destas peças para fazer o cansaço nos artistas, a volupia dos espiritos raros e talvez... Mas, subito, vimos D. Amelia Rey Colaço, ao fundo, espreitando a scena atravez á correção polida das suas lentes, que são nalgumas pessoas uma especie de namorados fieis, sempre postos diante dos olhos:

—Muito linda a peça! Vou vivê-la como é preciso que eu viva para que ela viva, por sua vez no publico. O encanto das peças é um pouco o que você me dizia há tempo do encanto das mulheres: «não se vê; adivinha-se...».

Deixa-me S. Carlos, e a sua escuridão permanente, e viemos para a rua. Es-pecado diante do cartaz, um individuo, a torno daquela multidão que aplaude, delira, pateia, protesta, leva ás estrelas arrasta pelo solo e acaba por esquecer, parecia devorar a esquina na leitura do titulo. Era o publico.

—Que lhe parece o cartaz, hein?!

Surpreendido pela nossa inconveniencia e vencido diante da nossa gravidade, replica, tal qual:

—Isto, meu caro senhor, só depois de ver. Com Amelia Rey Colaço não é facil uma peça cair. Tem estrela, a rapariga. Mas o titulo...

Antonio Pinheiro

—Então que tem?...

—Não tem nada, pois isso e que é. Pois ver e crer como S. Tomé, porque lá na gente dos jornais, é que eu não me fio. Estão todos feitos...

E aqui está o que eles pensam da peça e o que o publico pensa da gente.

Entre nós

Ao contrario do que dissémos ontem, o actor Antonio Pinheiro não será o futuro ensaiador do teatro do Ginasio, pela simples razão de que faz e fará parte na proxima epoca de inverno da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que actualmente explora o teatro de S. Carlos.

—Na revista «Capote e Lenço», em ensaios no teatro de S. Luís, a actriz Laura Costa desempenhará os papeis creados por Auzenda de Oliveira.

—A companhia Armando de Vasconcelos apresentar-se-ha no teatro Sá da Bandeira, do Porto, até o dia 20 de Agosto proximo. A seguir apresentar-se-ha naquele teatro a companhia Luís Pinto, de que é gerente o actor Jorge Grave, e que ali representará as peças «Primerose», «Fidalgos da casa mourisca», «O Az», «Amor de Perdição», «Manelick» e «Amor selvagem».

—O empresario Antonio Castro contratou o grupo de lutadores, que se exibiu ultimamente no Coliseu dos Recreios, para um campeonato que se deve efectuar no proximo mês de Agosto no teatro Aguia de Ouro, do Porto.

—No Salão Foz vai proceder-se a diversas obras no palco.

—A actriz Deolinda Sayal deve reaparecer em Lisboa na revista «Tic-Tac».

Reclamos

S. CARLOS—Sobe á scena, ámanhã, neste teatro, a peça de Vasco de Mendonça Alves, «Sedutores», que decorre cheia de intensidade. Amelia Rey Colaço, Maria Judice da Costa e Robles Monteiro, com os outros elementos da companhia, vão interpreta-la.

NACIONAL—A interessante peça «A vida de um rapaz pobre» continúa obtendo o maior agrado, conquistando entusiasticos aplausos e atraindo uma grande concorrencia.

S. LUIZ—Sucedem-se todas as noites as enchentes, pois ninguem quere deixar de ver engraçada peça magica «A mulher artificial».

GIMNASIO—A' recita da moda de hontem assistiram numerosas familias, que muito riram com as peripecias que se desenrolam nos tres actos da peça «O celebre Pina».

AVENIDA—Com a peça de Sardou «Fedora», realisa hoje a sua festa o actor Judicibus, que muito se faz apreciar pelas suas aptidões artisticas.

POLITEAMA—Ainda hoje a «Avé-Maria», representada pela esplendida companhia Satanela-Amarante, se propõe grangear uma grande e selecta concorrencia ao Politeama.

EDEN—Festeja-se hoje a 15.ª representação da revista ali em scena, «Pé de Dança», em recita oferecida aos seus autores Avelino de Sousa e Carlos Leal.

SALÃO FOZ—Em duas sessões, que começam ás 8,30 e 10,30 da noite, realizam hoje a sua festa os secretarios Antonio Vasquez, do Eden, e Carlos Chaves, do Foz. Repete-se o imortal «Trólaró», com o seu novo quadro «Escola da Arte de Namorar»

APOLO—«Pedras soltas», o novo quadro da famosa revista-fantasia «Porto, tantos de tal», vai com geito de levar ao Apolo toda a população de Lisboa.

Espectaculos

S. CARLOS—Não ha espectaculo.
NACIONAL—A's 21,15—«A vida dum rapaz pobre».
S. LUIZ—A's 21—«A mulher artificial».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
AVENIDA—A's 21,30—«Fedora».
POLITEAMA—A's 21,30—«Avè Maria».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—Não há espectaculo.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!»
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Da "Pose"

Há muito quem faça pouco da Pose, *quem trate o* poseur *como uma espécie de desprezo misturado de inveja, e isso é mal compreender uma boa coisa. Há casos em que a* Pose *é o escudo e a salvação de muitas almas.*

Dando um exemplo: é vêr quanto mais não sofrem os homens acanhados que se resignam ao seu acanhamento ou a combaterem desastradamente, do que os egualmente acanhados que adoptam um monoculo e a pose de ser poseur.

E depois tudo quanto divirta a humanidade dá ás mulheres que falar e aos homens com que implicar, é uma coisa bem vinda.

Poucas coisas há mais engraçadas do que uma Pose *bem mantida: não é mais divertido e é menos economico ir vêr representar a Amelia Rey Colaço e o Robles Monteiro num scenario pintado numa tela, do que ir vêr dois* poseurs, *sinceros e artisticos, representar aquilo que ambicionam parecer num scenario real por eles proprios creado.*

Assim como há calçado para homens e senhoras, há tambem poses *para os dois sexos.*

Uma das mais engraçadas poses *masculinas é a do* rafiné, *a quem tudo magôa e cança. Conheço homens que para manter esta* Pose *sofrem martirios que nem o S. Simão Estelista suportaria.*

E o que eles têm de abstinencias, nem os frades cartuchos.

Só podem comer coisas complicadas e, de preferencia, indigestas; é-lhes vedado o naco de pão com queijo, as iscas saborosas, pirolito doirado que os garôtos vendem a dez réis. Por mais que se estejam a divertir têm que dizer que estão maçados e reprimir o entusiasmo: se podem achar deliciosas coisas aparentemente insignificantes e sem interesse.

Não podem ser patriotas nem humanos, nunca devem rir com gosto e muito menos chorar com gosto; não podem ter um impulso...

Esta é a Pose *para os inteligentes que não sabem de que serve a inteligencia e dos menos espertos, que não têm inteligencia de que se servir.*

Outra Pose *muito masculina é a do homem a quem toda a gente obedece; é esta a* Pose *reservada ao homem em quem toda a mulher manda se tem pachorra para o fazer.*

Há a Pose *anarquista e amoral que pertence a homens sossegados e de bom coração. Há a* Pose *cujo emblema é o monoculo. Há a* Pose *integralista e intelectual.*

Tambem há a Pose *anti-intelectual dos homens que detestam monoculos e toda a espécie de inteligencia que não seja dedicada a fazer dinheiro.*

Nas mulheres tambem aparece a Pose *anti-intelectual, não menos vulgar que a da intelectualidade, ainda que a maneira mais feminina de ter* poses *é ter uma grande reserva delas e produzir o que melhor convém na ocasião.*

E' sempre divertido a Pose *dos outros; ás vezes a nossa tambem e o facto duma* Pose *ser tôla não é razão para que seja escorraçada. Quem é tôlo deve pedir a Deus que o mate, diz o rifão, mas se Deus, como é seu costume, julgando pelos elogios postumos, não chama a si o tôlo, que defesa tem este senão a* Pose?

Só tem direito de não ter Pose *quem serve a humanidade, como o operario e o homem de sciencia, ou quem tem uma individualidade extraordinaria, como o santo, o genio e o matias.*

M. S. de Santo Tirso.

Além-mar

Um inquerito na Zambezia

Tendo-se dado varios casos irregulares num dos prazos da Zambezia, foi mandado proceder a um rigoroso inquerito, a fim de serem castigados os delinquentes, sendo encarregado de proceder a esse inquerito o juiz sr. Piedade Rebelo.

Consul da Noruega em Lourenço Marques

Foi nomeado consul da Noruega em Lourenço Marques o sr. Leonard Hart.

Engenheiro Menezes Spinola

Seguiu de Moçambique para Cabo Verde, por ter sido nomeado director das obras publicas desta provincia, o engenheiro sr. Menezes Spinola.

Redução de despesas em Angola

O alto comissario em Angola vai reduzir o numero de oficiais em serviço na provincia, em vista de tencionar acabar com algumas capitanias móres, que passam á administração civil.

CONTRIBUIÇÕES

Industrial

Termina ámanhã, 30, o praso para o pagamento voluntario da segunda prestação semestral da contribuição industrial do ano de 1920.

Predial

Termina tambem ámanhã o praso para o pagamento da segunda prestação semestral da contribuição predial urbana e rustica do ano de 1920.

A FOME NEGR

O governador de Cabo Verde fala ao "Diario de Lisboa„ de um plano de fomento para evitar futuras crises n'aquela provincia

O porto de S. Vicente e os produtos das ilhas a industrializar — E' necessario dar trabalho aos habitantes, modernizar-lhe os processos agricolas e derramar entre eles a instrução

Não se faz ideia, entre nós, do que seja a pavorosa tragedia dos habitantes de Cabo Verde, que neste momento agonizam com fome, sem que os escassos socorros pecuniarios do governo de alguma forma se façam sentir—tal o sorvedouro insaciavel em que o arquipelago se tornou.

Por infelicidade sua, o caboverdeano é excessivamente indolente e imprevidente. Vivendo cada qual das suas terras de semeadura, dão graças á Providencia nos anos em que a terra, favorecida pelas chuvas de agosto e outubro, lhes oferece abundante colheita. Então, o caboverdeano, sem pensar na hipotese de uma seca no ano seguinte, sente-se feliz colhendo apenas o necessario, sem fazer provisões para o futuro. Passa pelas sementeiras, olha as espigas com sobranceria e, na sua ingenua linguagem creoula, atira-lhes com esta frase picaresca:

—«Se quizeres que te apanhe has-de pagar-me!»

Depois, os anos de fartura passam. Veem as secas, terriveis como uma praga, as sementeiras perdem-se totalmente e o caboverdeano, que não vive de outra coisa, a não ser do auxilio de alguem da familia que emigrou para a America e de lá lhe manda uns «dollars», recolhe-se ao seu casebre na montanha e para lá vai definhando por não ter de comer—até se decidir, no ultimo extremo, a descer ás povoações a mendigar os socorros da assistencia.

O caboverdeano é assim. Na maioria das vezes, quando se resolve a sair do seu tugurio, vem em tal estado de fraqueza que tem de se sentar no caminho a descansar—quantas vezes para não mais se erguer...

E assim é que a mortandade é enorme. Os famintos tombam a cada momento no caminho; os seus corpos, horrivelmente inchados, decompõem-se rapidamente e é necessario enterrá-los *in loco*, para evitar que se desfibrem na condução para o cemiterio.

* * *

E' urgentemente necessario que o governo acuda piedosamente aos famintos de Cabo Verde, pondo em jogo todos os esforços para o bom exito dessa obra meritoria.

O que há, pois, a fazer para atacar a crise do momento e evitar crises futuras?

Eis o grande problema sobre o qual fomos ouvir o tenente-coronel sr. Maia Magalhães, governador da provincia.

O sr. Maia Magalhães acaba de apresentar ao sr. ministro das colonias um relatorio que por si só habilita o governo a ajuizar do problema e atender, nos medidas do possivel, ás necessidades de Cabo Verde. Recebidos ontem na residencia de tenente-coronel sr. Maia Magalhães, logo por este oficial soubemos ser intenção sua entregar a peritos um largo plano de fomento, cuja realização chegará para debelar as futuras crises que ameaçam Cabo Verde, se o seu estado primitivo e barbaro continuar.

—As obras que v. ex.ª tem em projecto —inquirimos nós—ofececem alguma garantia á agricultura?

Como se fossemos precisamente ao encontro de seu pensamento, o governador de Cabo Verde teve um sorriso de confiança e respondeu-nos:

—Talvez. A causa primaria das crises é a falta de chuvas em Agosto e Outubro. Como a sciencia não modifica as condições meteorologicas, podemos socorrer-nos dos poços artzianos para tirar ao sub-solo a a agua precisa para as regas, ou construir ainda poderosos diques nas ribeiras para aprovisionar as aguas das chuvas terrenciais que caiem sobre as montanhas, correndo em verdadeiras catadupas para o mar.

— Cabo Verde não tem industrias?...

— Não tem industrias e os seus trabalhos agricolas são feitos pelos processos mais primitivos.

E o sr. Maia Magalhães revela-nos uma grande riqueza para Cabo Verde, se lá conseguir desenvolver algumas industrias embrionarias, tais como: exploração de plantações de piteiras, de oleos, de cal, de conservas de peixe, de sal, de cana sacarina, de ceramica e outras.

— E' então necessario industrializar os produtos locais?

—Exacto. Para isso é preciso rasgar estradas para o interior, a fim de drenar para fóra os seus produtos, ligar todas as ilhas do arquipelago por comunicações telegraficas, arborizar terrenos...

— E' uma grande obra! — dissemos nós e o sr. Maia Magalhães acrescentou: se fosse coroada pela remodelação do porto de S. Vicente, um magnifico porto natural, com todos os requisitos para chamar a si a navegação internacional — que converge para os portos de Las Palmas, Canarias e Dakar.

— Pensa então que o nosso porto de S. Vicente podia fazer-lhes concorrencia?...

— Absolutamente! se o dotarem de cais acostaveis, docas de reparações, de modo a tornal-o porto moderno...

— A remodelação do porto de S. Vicente impõe-se nesse caso...

— Mas o porto de S. Vicente — afirmou com vivacidade o nosso entrevistado — é o fulcro do meu plano de fomento!

— E conta com o auxilio do Estado para fazer tudo isso?

— Conto. Necessito para as primeiras obras de um credito de 10 a 15 mil contos. De contrario, Cabo Verde permanecerá no mesmo estado pavoroso, e os seus habitantes acabarão por morrer totalmente, por não terem trabalho e por não terem que comer...

Juventude comunista

A fusão dos jovens socialistas e dos jovens sindicalistas

Reuniram ontem, em assembleia magna, os jovens socialistas e os jovens sindicalistas dissidentes do nucleo de Lisboa. Feita a apresentação, apreciaram uma moção tendente á fusão destes elementos num nucleo de juventude comunista, e, depois de alguma discussão, foi aprovada por aclamação, sendo nomeados os corpos gerentes do nucleo e varias comissões, bem como os membros da junta nacional, que terá por missão a organisação de nucleos em todo o país.

POLICIA DE SEGURANÇA DO ESTADO

Tomou hoje posse o seu novo director

O inspector escolar sr. Jaime Pinto Serra tomou hoje posse, no ministerio do Interior, perante o director geral da segurança publica, sr. dr. Carneiro de Moura, das funções de director da policia de Segurança do Estado, encontrando-se ali, além do ministro, o ex-director daquela policia capitão sr. Campos Rego.

Notas Mundanas

Diplomatas

O sr. D. Eduardo Herrera, consul geral da Republica do Perú em Lisboa, e sua esposa a sr.ª D. Rosa Drago Herrera, ofereceram ontem na sua elegante residencia, á avenida da Republica, um «chá» o qual foi servido pela «Patisserie Garrett», solenisando o primeiro centenario da independencia do seu país.

Durante a tarde o ilustre consul e sua esposa, que gosam de inumeras simpatias receberam os cumprimentos do representante do governo português, membros do corpo diplomatico e consular, e de grande numero de pessoas da nossa aristocracia, fazendo-se animada conversação.

Os ilustres donos da casa que foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram extremamente encantados como os deliciosos momentos que lhes propocionaram, seguem no dia 1 de agosto para o Hotel de Italia, no Mont'Estoril, onde vão passar a época balnear.

Veraneios elegantes

No Mont'Estoril

Continuam sendo muito concorridas as sessões da moda no elegante Casino Internacional de ta magnifica praia, que se realisam ás quintas feiras e domingos. A de ontem revestiu ainda maior brilhantismo que as anteriores; durante toda a noite tanto o salão de concertos como os terraços estiveram sempre completamente cheios de tudo que de melhor se encontra veraneando em Cascais e Estoris, bem como em Lisboa e nas outras praias da linha.

Pontos de reunião

Agenda

Amanhã a nossa «elite» dá «rendez-vous» no teatro de S. Carlos, primeira representação do novo original do sr. dr. Vasco de Mendonça Alves «Sedutores» e na «soirée» elegante do Cinema Condes.

Baptisados

Na igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se no passado domingo o baptisado de um filhinho da sr.ª D. Maria Francisca de Albuquerque da Camara e do sr. Francisco de Albuquerque Sá Nogueira. Serviram de padrinhos os srs. viscondes de Ervedal da Beira, bisavós da gentil criança, que recebeu o nome de Francisco Manuel Maria.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.ªs:

Condessa de Calhariz de Bemfica, condessa de Margarida, D. Maria Francisca de Menezes, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Maria Leonor do Rego Barreto da Fonseca Magalhães Talone da Costa e Silva (Almarjão) e D. Maria da Gloria Queiroga Valentim.

E os srs.:

João Teodoro Ferreira Pinto Basto, Abel Barradas, José de Almeida e Sousa, Ernesto Leite Nogueira Pinto, Pedro de Carvalho Daun e Lorena, Vasco Lorache Semedo e Joaquim Jorge de Morais Graça.

Em viagem

Parte brevemente para Lourenço Marques, o sr. João de Almeida Napoles de Carvalho (Chanceleiros).

—Deve regressar amanhã á Figueira da Foz, a sr.ª D. Ana de Sousa Carrisso, esposa do dr. Luís Carrisso, ilustre lente da Universidade de Coimbra.

—Acompanhada de seus gentis filhinhos e de sua interessante sobrinha, partiu para a sua casa na Figueira da Foz, a sr.ª D. Judite Mendes de Novais, esposa do distinto engenheiro sr. Luís de Novais.

No dia 14 do proximo mês de Agosto deve partir para a sua casa da Figueira da Foz, com sua esposa a sr.ª D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e de seus gentis filhinhos, o sr. dr. Antonio de Azevedo.

—Com sua esposa a sr.ª D. Virginia de Melo de Mascarenhas e Silva e seus gentis filhinhos, parte brevemente da sua casa da Abrigada para a quinta de Valongo, o sr. José Julio de Mascarenhas e Silva.

—A' sua casa em Leça da Palmeira, regressou de Paris o sr. conde de Leça.

—Encontra-se em Cintra com sua esposa a sr.ª D. Beatriz Figueira Freire da Costa Veiga, o sr. tenente-coronel do corpo do estado maior Augusto Botelho Moniz da Costa Veiga.

Doentes

Entrou em franca convalescença a sr.ª D. Alice de Oliveira Napoles de Carvalho, esposa do sr. Carlos de Almeida Napoles de Carvalho (Chanceleiros).

Literatura infantil

"Os dez anõesinhos da tia Verde-Agua"

A sr.ª D. Ana de Castro Osorio, que tantos cuidados tem dispensado á literatura infantil, das cousas de letra redonda uma das mais mais dificeis de trabalhar, em colaboração com Leal da Camara, o conhecido desenhador que tão largo renome alcançou além-fronteiras, acaba de fazer aparecer um interessante livrinho para crianças intitulado *Os dez anõesinhos da tia Verde-Agua*. O conto, escrito em linguagem singela, como para crianças convem, é ilustrado com magnificos desenhos daquele artista, honrando a apresentação tipografica e litografica, a industria grafica nacional.

A CIDADE

A ENTREVISTA POLITICA

COMO FALARIA AO PAÍS O PRESIDENTE DO MINISTERIO SE ÁMANHÃ NÃO TIVESSE QUE LER AO PARLAMENTO A DECLARAÇÃO MINISTERIAL

O JORNALISTA, NÃO ENCONTRANDO O SR. BARROS QUEIROZ, ENTREVISTA O SEU AMIGO X, QUE TUDO SABE, TUDO VÊ E TUDO DIZ

O contracto dos 50 milhões de "dollars" é ruinoso para o Estado—O governo defender-se-ha de qualquer movimento revolucionario—Machado Santos e o partido popular—A Liga das Nações—As receitas que vão ser criadas—O governo resistirá aos embates parlamentares—A irrigação e as quedas de agua

Hoje o jornalista subiu as escadarias do ministerio das Finanças, em busca do sr. Tomé de Barros Queiroz. O presidente do ministerio, que gosta de falar, alto e bom som ao paiz, poderia muito bem faze-lo por intermedio do «Diario de Lisboa». Demais c momento é oportuno. Amanhã abrem as Camaras, depois... depois parece que terá a palavra o sr. Machado Santos. O presidente do ministerio não estava. Fizemos um movimento de contrariedade. Alguem que o viu, vem até nós e diz:

—Você queria falar com o Barros Queiroz?

—Queriamos sim.

—Ele não dirá nada...

—Porquê?

—Só depois de lêr na Camara a declaração ministerial é que atenderá os jornalistas. Mas eu sei tudo!

—Sabe o que ele pensa?

—Represento tão bem o pensamento do sr. Barros Queiroz, que lhe garanto que se você fizer uma entrevista, do que vou confidenciar-lhe, o presidente do ministerio não a desmentirá numa unica linha.

E dito isto, o já pensamento do sr. Barros Queiroz, arrastou-nos para um gabinete do ministerio das Finanças. Sala sobria, a luz velada pelos stores; tapeçaria densa. Ao fundo, um armario em três corpos, de pau santo, sobre ele o busto da Republica, de olhar largo; duas jarras. Republica, de olhar largo, e duas jarras. Telefones por aqui e ali. Uma secretaria quasi sem papeis, um tinteiro de prata, um cinzeiro, uma placa de vidro. Tudo bem alinhado, como colunas de numeros, numa estetica perfeita.

Figurámos o sr. Barros Queiroz, naquela mesma sala. O jornalista entrava, e com «um dá licença sr. presidente», dirigia-se a ele. Um aperto de mão, depois a cadeira que se oferece, por fim a frase preambular, a frase já preparada:

—Viu v. ex.ª um artigo do «Diario de Lisboa», que pretendia pôr a claro a questão do emprestimo dos 50 milhões de dollars?

—Vi.

—Não andámos longe da verdade, pois não?

—Aquilo está quasi certo. Toda a gente fala do emprestimo, mas eu ainda não disse palavra.

—E porque?

—Antes de mais nada, deixe-me dizer-lhe, que não se trata dum emprestimo; é una abertura de credito...

—De credito! Já está assinado?

—Não! Será discutido no Parlamento.

—Porque é que v. ex.ª procede assim?

—Porque julgo que o contracto se pode tornar ruinoso para o Estado. O meu silencio...

—Que tem sido uma arma, nas mãos dos adversarios do governo...

—O meu silencio tem um fim: dizer ao paiz em ocasião oportuna, o que se passa à roda desse contrato.

O espirito do sr. Barros Queiroz, acendeu um cigarro, e com muita franqueza com muita honestidade, disse:

—O credito aberto na America, seria para importar de lá, os produtos que nos faltam. Mas as bases não são seguras, e eu só procederei com honestidade. Receio...

—Os cambios pioraram, quando v. ex.ª não deu uma explicação clara ao paiz.

—Engana-se. A melhoria cambial não se fez sentir, por causa das campanhas do *Seculo*, mas pela confiança que o atual governo inspirou no principio. Era facil para ele, vir dizer ao publico, que tinha realizado o emprestimo: oos cambios melhorariam. Depois, qual seria a situação do governo, quando tivesse de declarar, que o emprestimo falhára?! Combateram o ministerio...

—E ele cai?

—Não!

—Mas prepara-se para muito breve, um movimento revolucionario?

—Prepara-se. São os descontentes, os que ficaram de fóra das Camaras: Machado Santos que contava levar ao Parlamento, uns 30 deputados, e o partido popular, que julgava ter o apoio do paiz. Enxertaram no movimento, a questão dos oficiais milicianos, questão essa que não tem importancia, e que é devida a diferentes interpretações de uma lei. Dahi a revolução...

—Triunfará?

—Não! O governo quer manter a ordem.

—Já chamou tropas...

—Já. A revolução não tem ambiente. Quando muito, será um motim.—E com amargura:—Querem deitar abaixo este governo, porquê? Porque ele não fez escandalo? Porque ele tem reduzido as despesas publicas? Porque ele fez as eleições com toda a imparcialidade?

O telefone retiniu. Vizionámos o nosso amigo... o nosso amigo X, encarnado na pessoa do sr. Barros Queiroz. O mesmo ar honesto, serio; o mesmo frack meio burguês, meio ministerial; o seu alfinete de gravata, em vertical perfeita, aquele mesmo alfinete com que Norberto de Araujo, costuma medir as opiniões do governo. O cigarro sempre aceso. Porque o sr. Barros Queiroz fuma, fuma sem descanço.

—A revolução não tem ambiente, já lho disse. E depois é bom reparar para a Liga das Nações. Não é que ela faça uma ocupação. O nosso patriotismo, não consentiria nunca tal coisa. Mas pode, muito bem amanhã dificultar-nos o nosso comercio, até que a nossa situação politica se regularise.

—Mas v. exª devia esperar este resultado, após as eleições.

E naturalmente, tal como o sr. Barros Queiroz responderia, se com ele estivessemos conversando, o nosso amigo X disse-nos:

—Eu nunca foi eleiçoeiro. Quem escolheu os deputados governamentais, foi o Directorio do P. R. L. Se as eleições foram por vezes violentas, aqui e ali, devem-se aos conchavos locais dos politicos. O governo não fez pressão...

—Oh!

—Se fizesse pressão, acredite, a nossa maioria seria esmagadora.

—O governo vai ás Camaras? O movimento revolucionario...

—Vai. Amanhã será lida a declaração ministerial.

—E' muito grande?

—Ocupa, ocupa...—deixe-me precisar—talvez umas três ou quatro colunas de jornal.

—Pontos principais...

—Redução de despesas; criação de receita; Transportes Maritimos do Estado... Mas olhe que não vou extinguir ministerios! Simplificarei alguns serviços, outros desaparecerão. Muitos funcionarios serão licenciados, mas continuarão precebendo os seus vencimentos e até a sua subvenção, durante algum tempo. Os que ficam em serviço activo serão aumentados.

—E o exercito?

—Alguns oficiais serão tambem licenciados, mas conto aproveitá-los para os trabalhos de irrigação e das quedas de agua. A esses trabalhos, é que eu vou buscar as novas receitas do Estado... E ao novo sistema tributario, tambem. Quero equilibrar a despeza com a receita, para podermos viver desafogadamente.

O nosso amigo X, falava, falava. Ele desaparecia por detraz da figura do sr. Barros Queiroz.

—Você admira-se de falar tão seguramente, nestas coisas, não? disse-nos com um sorriso.

—Admiramo-nos.

—Mas não se esqueça, que eu sou o espirito do sr. presidente do ministerio. Vivo dentro dele.

—O que se vai passar nas Camaras?

—O governo pela boca do seu presidente, lê o seu plano de reforma e salvatério nacional. Alguns pontos haverá, que serão discutidos. Mas a declaração será aprovada. E' provavel mesmo que á ultima hora, o sr. Barros Queiroz, não apresente alguns dos seus pontos de vista. Mas ele tem confiança! Sairá do Parlamento, com uma grande maioria. Trata-se de salvar o paiz, e ele conta com o patriotismo de todos.

—E o debate politico?

—Um pouco agitado, talvez.

—O governo pode viver unicamente com os seus parlamentares?

—Não; no entanto, não pede o apoio de qualquer partido. Ele tem a certeza, que todas as suas medidas serão aprovadas. A politica, depois...

—O governo mantem-se?

E como o sr. Barros Queiroz, o nosso amigo X, decisivamente, disse:

—Hei de manter-me.

A entrevista já durava há meia hora. No gabinete entrou um antigo ministro da Marinha que cumprimentou afavel, o nosso amigo X. Pretendiamos ainda tocar nalguns pontos. Por exemplo: as reparações da Alemanha a Portugal. Mas seria desastroso. O dialogo era confidencial, assim nos fez compreender o nosso entrevistado, estendendo-nos a mão. Saimos. Descemos as escadarias do ministerio das Finanças.

O sr. Antonio Maria da Silva, risonho, de luvas cinzentas, todo cinzento apeára-se do seu automovel, e enfrentava o portão do ministerio.—*A. P.*

O CASO DOS SUBSIDIOS

O sr. ministro do trabalho prepara-se para responder a uma interpelação

Antes das eleições, o sr. Lima Duque apenas fez a distribuição por quatro distritos

O sr. ministro do trabalho tem já em seu poder a nota de todos os subsidios concedidos pelos seus antecessores, a fim de, se fôr interpelado no Parlamento, demonstrar que a distribuição que agora fez é muito inferior ás anteriores. Segundo a lei, os subsidios devem ser distribuidos até 30 de junho de cada ano; mas antes das ultimas eleições o sr. dr. Lima Duque apenas fez a distribuição por quatro distritos, onde não se propozeram candidatos do governo; isto para que não se dissesse que por tal forma pretendia influir no animo dos eleitores a favor dos partidarios do ministerio, e só depois do acto eleitoral é que fez publicar as portarias concedendo subsidios para os restantes distritos.

O PORTO DE MACAU

Foi aprovado o novo plano com a variante do C. S. das Obras Publicas

O Conselho propôs o aproveitamento da baía de Areia Preta para fundeadouro de navios

Foi aprovado o novo plano do porto exterior de Macau, com a variante indicada pelo Conselho Superior das Obras Publicas e Minas das Colonias, do aproveitamento da baía de Areia Preta para fundeadouro, sem deixar de ter em atenção, as razões de ordem politica, economica e financeira que contrariam a completa execução do parecer do referido Conselho; que o limite e disposição das areias a aterrar e a dragar na baía de Areia Preta sejam fixadas pelo governo da provincia e que o traçado dos molhes leste e sul seja o projectado no plano elaborado pela direcção das obras dos portos de Macau. Como se sabe, as obras do porto de Macau têm dado origem a varias reclamações diplomaticas.

PROVINCIAS

Em Coimbra

O leilão Ameal

Coimbra, 27

Hoje a concorrencia ao leilão do recheio da casa Ameal foi maior, porque começaram a ser vendidos os quadros de Silva Porto.

Foram vendidos os seguintes: «Na pastagem» por 4.920$00, ao sr. João de Figueiredo; «Macieira em flor», por 2.710$00; «Cabeça de rapariga», por 2.4 0$00; «Napolitano», por 1.250$00; «Rapariga italiana», por 2.010$00; «Os moinhos da confraria», por 5.110$00. Todos estes quadros foram vendidos ao sr. Alfredo Ramos.

«Na Praia», tambem de Silva Porto, por 3.000$00, ao sr. Campos Henriques; «João Semana», de José Malhôa, por 1.100$00; «Retrato de mulher», de Greuze (?) 720$00. Um desenho á pena de Domingos Sequeira, 2.5$00; «S. Jeronimo na gruta», assinado por Jões de Mab.[s] Hemessení e pinxit 1531, por 5.400$C0, ao sr. João Figueiredo. A colecção de moedas atingiu o lanço de 40 contos e o palacio 400 contos, mas os herdeiros não quizeram vender por tais preços.

Roubo

Uma patrulha da G. N. R. prendeu na Guia uma rapariga de 17 anos, que na freguezia de Ançã roubou alguns apetrechos de cirurgia, ao medico municipal dali sr. dr. José Pinto.

Julgamento

Pelo crime de furto, respondeu hoje em audiencia geral Antonio Alves, da Aveleira, concelho de Penacova, que foi condenado em 18 meses de prisão correccional, 4 meses de multa a $50 e 200$00 de imposto de justiça.

Em Sabrosa

Ainda as eleições

Sabrosa, 27

Uma das concorrentes ás vagas existentes nas escolas deste concelho, é a professora sr.ª D. Maria Saraiva, filha do sr. Luis Albino Saraiva, do Pinhão.

Veiu este pedir o atestado de fidelidade á Republica, para sua filha.

Recusaram-lho, como ás outras.

Porêm, como o sr. Saraiva tivesse instado muito, o sr. Izidoro Magalhães, administrador da quinta da Foz, para ir votar com o governo, obtendo uma recusa terminante, lembraram-se aqui de o fazer humilhar, dizendo-lhe: traga uma carta do Magalhães, que, se ele disser que se passe o atestado, passa-se.

Solicitada a carta pelo filho do sr. Saraiva, o sr. Izidoro Magalhães que, apesar de ser liberal, deste concelho, é creatura delicada, deu-lha imediatamente.

Com ela veiu aqui no dia 18 o filho do sr. Saraiva, mas esperou, e o administrador não apareceu.

Já tarde, disse-lhe o chefe liberal:—deixe ficar a papelada referente a sua irmã, que cá se trata de tudo. Vá descansado.

Chama-se a isto, caça ao voto.

Vencimentos em atraso

Ao professorado primario deste concelho não foram pagos ainda os vencimentos relativos aos mêses de Maio, Junho e Julho.

Os interinos, desde Abril que não recebem.

Quem dá providencias?

Os administradores de concelho de 1917 ainda não receberam os seus vencimentos!

A camara municipal ainda não pagou os vencimentos aos administradores do concelho em 1917.

Razão? Porque são democraticos?

Crime de assassinio

Em S. Cristovão do Douro, deste concelho, foi barbaramente assassinado com uma facada José Ribeiro, daquela freguezia, por Joaquim Gon alves, que dizem ser de Mirandela, e que ali residia amantizado há uns três anos.

O assassino conseguiu fugir, apesar de perseguido pelo regedor e alguns cabos.

A vitima deixa mulher e filhos na mizeria.

S.I.C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Em Paço d'Arcos

Festas ao Senhor Jesus dos Navegantes

Paço d'Arcos, 28

Acaba de se constituir, entre banhistas e gente da vila, uma comissão para levar a efeito, nos dias 10, 11 e 12 de setembro, as tradicionais festas ao Senhor Jesus dos Navegantes, que constam de festas religiosas, procissão, quermesse, tombola, jogos desportivos, venda da flôr, corridas, cavalhadas, concerto por diversas bandas regimentais e, no ultimo dia, queimar-se-ha um lindo fogo, vindo directamente de Viana do Castelo.

A Avenida será toda iluminada, em arcos, a luz electrica, que produzirá um lindo efeito.

A comissão, que já conta com grandes donativos, espera levar a efeito as referidas festas com grande pompa.

Em Cantanhede

A falta de exportação de vinho

Cantanhede, 27

Existe imenso vinho nas adegas deste concelho, pela falta de exportação.

Actualmente vende-se a 4$00 o almude de 20 litros, com tendencia a subir lentamente, embora a colheita deste ano seja pequena, pela grande queima das vinhas.

A falta de agua

Esta região, que luta com falta de agua, vai passar fome este ano, em virtude de não ter chovido e os milhos sofrerem bastante com o excessivo calor que tem feito, havendo terrenos que nem a semente dão.

Em Santo Tirso

As festas de S. Bento

Santo Tirso, 27.

Foram extraordinariamente concorridas as grandiosas festas de S. Bento. que se realizaram nos passados dias 23, 24 e 25. Nunca as festas de S. Bento tiveram tanta concorrencia, nem no tempo em que o falecido coude de S. Bento tomava a seu cargo a efectivação das festas. As ruas da vila eram estreitas para conter tanta gente, Por toda a parte havia um entusiasmo indescritivel. As iluminações de Santo Tirso foram, mais uma vez, apreciadas pelos milhares de pessoas que assistiram ás festas, e em todos deixaram uma agradavel impressão, especialmente a rua do S. Bento, cujo aspecto era deveras surpreendente, pela diversidade das côres e pelo deslumbramento das luzes.

Romaria d'Assunção

Realiza-se no dia 7 de agosto proximo a importante romaria de Nossa Senhora d'Assunção, que costuma ser todos os anos muito visitada por inumeros peregrinos.

Ao santuario de Nossa Senhora d'Assunção, situado no Monte Cordova, sobranceiro a esta vila, afluirão os povos deste concelho em romagem piedoso no proximo dia 7 de agosto.

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
—Seguros de vida—
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 30—Resa-se oficio de Nossa Senhora de Salado, simplex, paramentos brancos, (missa e oração como dia 9).

São permitidas ás missas defuntos ou votivas.

LAUSPERENE — Na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição.

FESTIVIDADES:

Sé, ás 11, ôro, ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8,30, missa.

Conceição Nova, ás 12, festa ao Corpo de Deus, com missa solene, por musica; ás 19, sermão, orando o rev. Sousa Ramalho. Te-Deum, por musica.

Martires, as 11, festa, dedicação da igreja, com missa solene, por musica.

NOVENAS:

S. Cristovam, ás 20 horas, do orago, por musica.

Es rela, ás 17. 0, á Senhora do Carmo, por musica, com exposição do S.[mo].

Capelinha do Rosario, no cemiterio do Alto de S. João, rua 4, ás 12 horas, missa rezada.

NEURASTENIA
Hidroterapia—Electroterapia
ESTORIL—TERMAS

Chegwin, Moura & C.ª L.da
CASA BANCARIA
103, Rua Aurea, 105

DEPOSITOS	Ordem	3 meses	6 meses	12 meses
	4 1/2 0/0	5 0/0	6 0/0	7 0/0

Correspondentes em todo o país e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa, transferencias e todas as operações de banco em geral
Telegramas «TOM» Telefone Central 3033
103, RUA AUREA, 105

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS
Grande baixa de preços!!!
Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
„ „ sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
„ „ musseline a 6490 e 7490 réis!
„ „ seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
„ „ seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!
10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e cabedal, a 2.000 réis!!!
Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!
GRANDE SALDO!
Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!
Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!
CAMISARIA MODELO
RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA
PREÇOS DE OCASIAO!

ALVARO CAMPOS, LIMITADA
FORNECEDORES DOS HOSPITAIS CIVIS E MILITARES
Instrumentos cirurgicos. Aparelhos de medicina. Mobiliario cirurgico. Electricidade medica. Instrumentos para consultorios de dentistas. Instalações completas de salas de operações, dispensarios, postos de socorros, etc.
ANALISES
PROF. E. FRANCO da Faculdade de Medicina—PROF. CH. LEPIERRE do Instituto Superior Tecnico
Microscopios e microtomos Koristka. Productos quimicos. Vacinas e sóros Mulford.
Produtos opoterapicos do prof. Pittaluga. Produtos farmaceuticos «Meurice»
LISBOA — 103, Largo das Duas Igrejas — TEL. C. 1017
PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira — TEL. 1775

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: Nas termas. / Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

O EXERCITO ESPANHOL EM MELILLA

O QUE FOI A SANGRENTA LUTA DE ANNUAL

A repercussão em toda a Espanha—As proporções do desastre—O que o general Silvestre dizia antes de partir para Marrocos—A opinião do Visconde de Eza, ministro da guerra, sobre as causas do insucesso

O desastre que sofreram as tropas espanholas em Marrocos teve a maior repercussão em toda a Espanha. A população alarmada aumentou desmedidamente os acontecimentos e alguns jornais chegaram a fazer-se eco de que Melila estava sendo bombardeada.

A falta de noticias pela dificuldade de comunicações de Melila com os logares onde se deram os combates e com Espanha, a avaria do cabo, avaria ordinaria mas que logo foi interpretada como uma consequencia do desastre e obra dos moiros, a parcimonia das informações oficiais e a recomendação aos jornais de terem o maximo cuidado nas noticias que dessem, lançou a população no maior alarme.

O que pensava o general Silvestre

O general Silvestre que perdeu a vida heroicamente no combate de Anual, protegeu a retirada dos soldados, com o seu Estado Maior, e que os não poude seguir, em virtude de se achar cercado por milhares de marroquinos, com quem combateu até ao fim, não tinha ilusões sobre as dificuldades da campanha.

Ele tinha dito, numa conversa, que foi talvez a ultima tida em Espanha, sobre a guerra do norte de Africa.

«As dificuldades são quasi insuperaveis. E reparem que digo quasi porque não há impossiveis para os nossos valentes soldados».

A importancia do desastre

O desastre sofrido foi enorme, comquanto não tão grande como o de 1909.

Teve grandes efeitos morais: dum lado quebrando a energia do soldado espanhol, do outro alentando o indigena revoltado. Entretanto a rapidez com que o governo atendeu á situação, mandando tropas de reforços, deve ter obviado grandemente á qualquer destes dois males e assim o fazem notar os telegramas.

Por outro lado custou muitas vidas, não só de soldados, mas, o que é pior, de oficiais de alto posto. Os [illegible]biam escolher os que lhes convinha fazer morrer e o tiro era certeiro.

E outro facto lamentavel tão importante como os anteriores, ou mais, foi a perda de todos os territorios que as tropas espanholas tinham conquistado nos ultimos tempos.

Segundo as observações de aeroplano, só duas posições da costa não foram abandonadas, porque estavam protegidas por navios de guerra.

Como combateram os mouros

Nas primeiras noticias dizia-se que o general Silvestre, traido pelas tropas dos naturais, se tinha suicidado.

Esta noticia foi ratificada:

O general Silvestre, como o comandante do barco naufragado que sai depois do ultimo marinheiro, fez sair de Annual as tropas e qando as quiz seguir estava cercado com o Estado Maior.

Morreram combatendo: um punhado de homens, contra milhares e milhares de inimigos.

Mas ainda que se não tivessem dado defecções, o certo é que houve cumplicidade com os moiros.

Segundo algumas noticias, estes até possuiam peças de artilharia. Tinham munições de primeira qualidade e em abundancia. E pela primeira vez combateram em ordem, com um objectivo, sob uma unidade de comando e com movimentos combinados. Não pareciam moiros os que combatiam: teve-se a impressão de lutar com forças europeias.

O general Silvestre teve a consciencia de que era impossivel vencer. Escreveu varias cartas para personalidades de importancia e avisou o ministerio da Guerra de que ia ordenar a retirada sob a responsabilidade dele, sobre Dar Dris.

Parece porém, que quando tinha saido com a coluna de Melilla, não contava encontrar-se com tão grandes forças de rebeldes.

A evacuação opera-se sobre Bate.

O visconde de Eza respondeu a um jornalista que o interrogava acerca das causas do desastre:

—Foi a consequencia da falta de previsão. Só se pensou em andar para a frente sem se tomar em conta que as tropas se [illegible]am e que a sua força não era suficiente.

O mal está feito, é preciso remediá-lo».

De tudo se conclue que os espanhois não esperavam um ataque de tão grande importancia, nem que os rebeldes dispuzessem de tais recursos.

A valentia das tropas

Foi uma luta cheia de episodios heroicos e sangrentos. Houve lutas corpo a corpo para salvar os cadaveres dos oficiais que caiam e entre um dos mais emocionantes, mencionaremos o que se passou no caminho para Ain-Hedid:

Quando o general Barrera chegou ao aduar de Maizera, encontrou todas as cabanas a arder.

As tropas hesitaram: não havia outro caminho. Então o general volta-se um instante para elas, esporéia o cavalo, e entra nas chamas, seguido por toda a coluna, que mal podia respirar o ar abrasador.

UM CONCURSO DE BELEZA

AS DUAS MAIS BELAS CRIANÇAS DE FRANÇA

France Guiraud e Claude Albert

Acabam de ser proclamadas as duas crianças mais lindas da França. France Guiraud é a rainha da beleza infantil e Claude Albert um pequenino rei que já tem a vaidade dos seus cabelos loiros encaracolados. A encantadora fotografia que hoje publicamos dá-nos as duas crianças, em todo o realce da sua lindeza, duas cabecitas onde se fixou já uma ideia que dificilmente se apagará: — Eu sou a menina mais linda da França — Eu sou o menino mais lindo da França . . .

A' partida das tropas em Cadiz, pronunciam-se discursos patrioticos

CADIZ, 29.

O governador da cidade, a Camara Municipal e todas as autoridades têm vindo prestar honras e despedir-se dos oficiais e tropas expedicionarias. Têm-se pronunciado discursos patrioticos, tendo sido muito vitoriado o rei de Espanha e o exercito.—(R.).

A canhoneira "Laya,, encalhada perto de Melilla

ALGECIRAS, 29.

A canhoneira «Laya» que vigiava a costa de Marrocos encalhou proximo de Melila.—(R.).

Ministro dos estrangeiros

MADRID, 29.

Amanhã partirá para Mondariz o ministro dos Negocios Estrangeiros.—(R.).

DE LONDRES

O dia 1 de Setembro será o da terminação da guerra

LONDRES, 29.

Lloyd George anunciou nos Comuns, que a data oficial da terminação da guerra, exceptuando o que diz respeito á Turquia, será fixada no dia 1.º de Setembro.—(R.).

NO MEXICO

A Camara dos Deputados recusa uma solicitação do presidente Obregon

MEXICO, 29.

A Camara dos Deputados mexicana recusou os poderes varios solicitados pelo presidente Obregon, para adaptar um artigo da constituição, para resolver a nacionalisação dos depositos de petroleo, poderes que o senado lhe tinha concedido.—(R.).

Varias conferencias

Sobre assuntos politicos e de ordem publica

Sobre assuntos de ordem publica conferenciaram hoje com o sr. presidente do Ministerio os srs. ministros da Guerra e da Marinha, e sobre assuntos politicos os srs. Antonio Maria da Silva e Inocencio Camacho.

A canhoneira "Patria"

Em vista do resultado da vistoria passada á canhoneira «Patria», este navio vai sofrer importantes e custosas reparações, a fim de poder ficar nas condições de prestar bom serviço.

No Salão Foz

A festa artistica de Antonio Vasques e Carlos Chaves

Antonio Vasques e Carlos Chaves, dois rapazes estimadissimos que secretariam as empresas do Eden-Teatro e do Salão Foz, realisam esta noite, nesta ultima casa de espectaculos, a sua festa artistica com a imortal revista «Trólaró».

Pelas suas qualidades e pelo seu esforço inteligente, os dois festejados de hoje conquistaram uma numerosissima roda de amigos, que não deixará de ir logo prestar-lhes a entusiastica homenagem que eles merecem.

MAIS UMA VEZ

Sorte grande

5975	**40.000$00**
5974	725$00
5976	725$00
3721	500$00
4433	500$00
5977	260$00
1535	220$00
2591	200$00
4691	200$00
5971	200$00
5972	200$00
5973	200$00
5978	200$00
5979	200$00
5980	200$00

e muitos outros premios foram ontem vendidos pela feliz casa

PINA

Desde já tem á venda jogo para todas as loterias anunciadas pela Misericordia.
Pedidos a

COSTA, LIMITADA

75, R. de S. Paulo, 77

Telefone 3486
Telegramas: Alpina LISBOA

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Deposito — MARINHO E AMARAL
R. do Jardim do Regedor, 23
LISBOA

Ultimas Noticias

DE ESPANHA

Mais pormenores do desastre militar de Marrocos

O espirito das tropas — Ficaram prisioneiros todos os oficiais e grande parte da guarnição de Dar Kepdan — A acção dos oficiais aviadores — Um aeroplano alvo de 14 balas

MADRID, 29.—O estado de espirito das tropas que chegam a Melilla é admiravel. O general Berenguer agradeceu ao governo a urgencia com que lhe enviou os reforços, elogiando o patriotismo de Espanha neste dificil transe e declarando que não regateará esforços para salvar a honra nacional. Desembarcaram varios feridos provenientes de Sidi Dris. Recebeu-se uma carta do coronel Araujo dizendo que estão prisioneiros todos os oficiais e grande parte da guarnição de Dar Kepdan. O resto das tropas está recolhido na Kabil Beni Sidel sendo bem tratados. Melilla tem a sua defesa assegurada, embora nos territorios circunvizinhos se note uma grande efervescencia e hostilidade contra as nossas tropas. As tropas que regressaram de Zeluan foram atacadas tendo sido morto o tenente Tomassiti. A coluna do general Navarro está perfeitamente entrincheirada, sem deixar aproximar o inimigo. Dar Dris, Monte Arui, tambem se defendem com heroismo. Os aviadores no dia 22 lançaram 40 bombas contra a Harka em Annual. O aparelho, pilotado pelo capitão de engenharia Monzal, voou percorrendo mil metros e dispersando o inimigo. O aparelho pilotado pelo tenente apresenta traços de 14 balas que o atingiram, tendo ficado o piloto ferido numa perna.—(R.)

Partida de quatro aviões militares para Melilla

MADRID, 29.—Partiram do aerodromo de Cuatro Vientos em direcção a Melilla varios aviões militares.

Tambem partiram para Melilla varias secções de motociclistas. — (R.)

Os espanhois perderam 5:000 homens

BORDEUS, 29.—Consta que as perdas sofridas pelos espanhois, em Marrocos, se elevam a perto de 5:000 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros.

DE INGLATERRA

O embaixador americano em Londres será o delegado ao Conselho Supremo para discutir a questão da Alta Silesia

O que diz o correspondente do "The Times"

LONDRES, 29.—O correspondente do «Times» em Paris comunicou, sob reserva, que os representantes diplomaticos na Europa solicitaram ao presidente Harding que fôsse dada permissão ao sr. Harvey, embaixador americano em Londres, para se juntar ao Supremo Conselho como delegado, para assistir á discussão da questão sôbre a Alta Silesia.—(U. P.)

O congresso da Terceira Internacional de Moscou

O navio especial que conduzia os comunistas estrangeiros afundou-se perto de Riga, morrendo os delegados alemão, inglês e francês

LONDRES, 29.—Afundou-se proximo de Riga um navio especial que conduzia os comunistas estrangeiros que voltavam do congresso da Terceira Internacional de Moscow. Morreram Otto Strumer, alemão; Hewlett, inglês; Frimack, australiano e o delegado francês.—(U. P.)

S. CARLOS Companhia REY COLAÇO ROBLES MONTEIRO

Primeira representação da peça portuguesa

Amanhã — SEDUTORES

Original de VASCO DE MENDONÇA ALVES

Ensaiada pelo prof.: ANTONIO PINHEIRO

Principais papeis por: AMELIA REY COLAÇO, MARIA JUDICE DA COSTA (que se estreia em declamação), ROBLES MONTEIRO e HENRIQUE DE ALBUQUERQUE.

Interiores, cuidados pela casa Araujo & Bastos, da rua da Palma.

Bolsa de Lisboa

Dia 29

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	42.80
» » 500$00	42.80
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	45.
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0[0 1905	—
4 0[0 1888	—
4 0[0 1890 coup	—
4 1[2 1888[89 ass.	56.50
4 1[2 1889 coup.	—
5 0[0 1909 coup.	58.
4 1[2 1912 ouro	—
5 0[0 1917	—
3 0[0 externas 1.ª série	164.
3 0[0 » 2.ª »	—
3 0[0 » 3.ª »	—
Acções	
Banco Colonial Português (port.	141.50
(cop.	142.60
» Comercial de Lisboa	—
» Economia Portuguesa	—
Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » » (coup.)	228.90
» Lisboa & Açores	—
Portugal	—
Minho	240.
» Português e Brasileiro	126.
C. G. de Credito P. Português	—
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	125.
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	218.
Portugal e Colonial	104.
Cabinda	—
Buzi	45.
Ilha do Principe	—
Moçambique	—
Zambezia	—
Companhia do Boror	72.
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	149.
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 °[o, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 °[o, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	39$00	41$00
s[Londres cheque	7 5[8	7 3[8
» 90 d. v.	7 3[4	—
Rio s[Londres	—	—
s[Paris	678	701
s[Italia	362	374
s[Belgica	658	681
s[Suissa	1445	1495
s[Espanha	1125	1163
s[Berlim	109	113
s[Holanda	2709	2801
s[Nova York	8798	9096
Rio Brasil	85	100
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1[2	—
» » » » Portugal	7 1[2	—
Agio do ouro	600	700

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s[Paris	46,40
» s[Londres	27,96
» s[New-York	357 3[4
» s[Berlim	9,95
Paris s[Londres	46,30
» s[Madrid	—
» s[Genebra	—
» s[Berlim	—
Londres s[Paris	—
» s[Roma	—
» s[New-York	3,57,75
» s[Berlim	—
» Amsterdam	11,61,5
» s[Genebra	—
» s[Belgica	—
» s[Suecia	—
» s[Austria	—

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.